

Nordestinos não querem mais voltar

Hélio Franco

“Podem me dar uma passagem para o inferno, mas não me mandem de volta para o Nordeste”.

Com estas palavras, o pernambucano José Amaro Lopes demonstrou sua intenção de permanecer vivendo em Brasília, onde perambula com sua mulher, grávida de nove meses, e mais dois filhos. Ontem pela manhã, sua família e a de Nivaldo de Assis, com quatro filhos e a mulher também grávida, foram convencidos por policiais militares a retirar suas barracas do gramado situado ao lado do Tribunal de Justiça, a 500 metros do Palácio do Buriti.

Eles decidiram ir para um ponto localizado cerca de um quilômetro acima, nas proximidades do Memorial JK. “Os policiais falaram que aqui era área de segurança nacional, e eu acho que ali em cima não vai ter problema”, acredita Nivaldo, que chegou da Paraíba em fevereiro passado, de onde veio pegando carona em caminhões com sua mulher e filhos. Aqui chegando, os paraibanos se instalaram na invasão da Ceasa, onde conheceram Amaro e sua família.

Assistência — Em junho, uma equipe da Terracap desmontou suas barracas e os encaminhou para o Centro de Apoio Social, em Taguatinga, onde lhes ofereceram passagens de volta para seus estados de origem, logo re-



RENATO COSTA



As famílias se instalaram em frente ao Palácio do Buriti

cupesadas. “Lá no Nordeste ninguém ajuda ninguém, e aqui pelo menos a gente tem ajuda”, fala Nivaldo. “Voltar para lá só se for para morrer de fome”, acrescenta Amaro, revelando que decidiu montar sua barraca próximo ao Palácio do Buriti e ao Tribunal de Justiça para chamar atenção.

Para os dois, não há a mínima possibilidade de voltarem ao Nordeste, e sua intenção é permanecer em Brasília até receber um lote do Programa de Assentamento do GDF, que conhecem ao chegar na cidade. “O nordestino vem para cá não é porque lá não presta, é pela fome e pela miséria”, sentencia Amaro. “Aqui a pessoa morre de sede e de fome só se for muito preguiçoso, mas lá nem se for muito trabalhador ele consegue sobreviver”, afirma Nivaldo, que já tentou se inscrever no

programa de assentamento, mas esbarrou na condição de ter pelo menos cinco anos de vivência em Brasília.

Bico — Nivaldo conta que chegou a trabalhar como caseiro numa chácara, mas o salário — Cr\$ 18 mil, foi considerado irrisório, e agora ele prefere viver de “bico” e da caridade alheia. “Lá no Nordeste a gente não tinha trabalho. Aqui também não, mas pelo menos o povo ajuda e o governo dá assistência”, diz Maria Marlene Souza de Assis, mulher de Nivaldo. Mari fala que se preocupa com seus filhos, mas não vê o que possa fazer por eles. “Essa caçula nasceu na rua em João Pessoa. Eu estava andando e segurando o bebê, até que ela caiu da minha barriga”, relata, apontando para um bebê de seis meses, trajando apenas uma camiseta rasgada.